

EL MEMORIOSO: PENSAR A UNIVERSIDADE OPERACIONAL ATRAVÉS DO CONTO FUNES DE BORGES

Dayzi Silva Oliveira

Universidade Federal de Pernambuco, dayzioliveira@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As tecnologias de informação, as telecomunicações e todos os avanços que advém de forma exponencial desde o pós-guerra, trouxeram mudanças substanciais nas relações sociais e econômicas que se renovam constantemente em um curto espaço-tempo, onde se materializa assim na sociedade hipermoderna uma nova realidade, essa onde “cada indivíduo pode ser ao mesmo tempo produtor e produto do sistema, ser o ator e o agente dele, fazê-lo funcionar, tanto quanto suportá-lo” (GAULEJAC, 2007, p.29). Assim, além de receptor de informações com essas novas configurações e transições, as pessoas são sujeitos centrais na produção e recriação de conhecimento. Nesse contexto, com o boom de informações produzidas de forma bilateral, avanços dos bancos de dados e processos de monitoramento, bem como, a mudança de um Estado provedor, para um administrador, que novas lógicas foram adentrado os contextos sociais. Entre elas a da performatividade.

Nas universidades públicas, essas lógicas são sentidas quando a produção acadêmica está focalizada em indicadores de produção, quando a gestão unicamente eficiente está voltada para o gerencialismo e assim, a performance anula o impacto social da produção do conhecimento. Desta forma, este trabalho segue como uma forma de pensar e refletir sobre os Funes que estão a ser formados na universidade operacional. Pesquisadores, que memorizam, focalizam e armazenam informações em prol da competitividade da produção e esquecem que o conhecimento é para além do capital.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está dentro das particularidades da pesquisa bibliográficas, tendo em vista que é parte das reflexões sobre as atuais idiosincrasias das pesquisas no contexto da performatividade através de reflexões sobre os teóricos citados. Sobre este Fonseca (2002) ilustra como:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32)

Os trabalhos de Stephen Ball (2015) e Chauí (1999) são essenciais para entender e contextualizar de forma basilar as reflexões vigentes. O trabalho de Gaulejac (2007) é um importante referencial para entender a gestão que se encobre hoje como doença social, tornando assim as reflexões que segue mais densas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As possibilidades de acesso à informação são imensas, principalmente com os avanços dos provedores tecnológicos e as possibilidades advindas das centralizações das informações em bancos de dados, ou seja, são vários os caminhos de acessibilidade. Dessa forma, “qualquer que seja posição, operamos dentro de uma desconcertante imensidão de dados, indicadores de performance, comparações e competição de tal modo que a satisfação de estabilidade é cada vez mais fugida, os propósitos são contraditórios, as motivações são borradas e a autoestima é escorregadia” (BALL, 2010,p.40).

Ou seja, se de um lado há um mundo de possibilidades de acesso, do outro, adentra-se em uma lógica de monitoramento, produção para comparação e competição, situação essa que toma formas mais intensificadas na sociedade capitalista de produção, onde a destruição e reconstrução constante é uma realidade, já que a “gestão capitalista obedece a uma lógica de obsolescência. Ela destrói continuamente aquilo que produz pela necessidade de produzir outra coisa” (GAULEJAC, 2007, p.32). Assim, se adentra em um contexto de produção que não faz o pesquisador caminhar para reflexões mais profundas para tentar amenizar ou mudar a realidade vigente. Nesse cenário, a busca pela performatividade suprime qualquer esforço ou possibilidade de mudar a realidade vigente.

Como citado, esse contexto pode ser descrito como da performatividade, esta que “é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação, e mesmo, tal como define Lyotard, um sistema de “terror”, sistema que implica julgamento, comparação e exposição, tomados respectivamente como formas de controle, de atrito e de mudança” (BALL, 2010, 38). Nesta lógica, tudo é em prol da

categorização e da metrificacão, um movimento que adentra a subjetividade das pessoas onde “estamos envolvidos em uma indexacão, uma tabulaçao do eu” (BALL, 2010, 50).

Nas pesquisas que acontecem hoje, esses movimentos são observados com clarividência, um modelo que impõe ao pesquisador adentrar em um ritmo de produçao sem reflexao. A pesquisa fica sem sentido e vazia, enquanto os problemas sociais oriundos do perverso sistema capitalista conclamam soluçoes emergenciais. Sobre a realidade que prevalece ao que remete as ciencias humanas, as palavras de Japiassu (2012) são significativas, ao afirmar que:

Em geral, boa parte do que é produzido pelas pesquisas em ciencias humanas se assemelha bastante a “relatórios” mais ou menos bem elaborados, embora de relevância cultural ou intelectual duvidosa ou de insignificante utilidade social. Atualmente, não resta dúvida que são mais bem preparados e informados. A causa da perda de sentido e credibilidade das ciencias humano-sociais reside na *mudança* mais ou menos radical das instituicoes do saber e na profunda *mudança* de rumo que se impuseram para se adequar às novas “políticas” de fomento e financiamentos das pesquisas nesse setor. (JAPIASSU, 2012, p.125)

A metáfora dessa realidade com o conto de Borges (1944) advém porque essa é uma boa história que representa a situação, já que narra a vivência de um rapaz com uma memória extraordinária, mas que não conseguia pensar ou refletir sobre esses conhecimentos armazenados, como o autor cita, “tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não fosse muito capaz de pensar” (BORGES, 2007, p. 108).

O contexto de quem realiza pesquisa em universidades não é diferente. Funes que é o personagem principal do conto representa bem a realidade vigente. Com as constantes cobranças por produçao, o “pós-profissionalismos se reduzem, em última instância, à obediência a regras geradas de forma exógena; e, segundo, eles relegam o profissionalismo a uma forma de desempenho (performance), em que o que conta como prática profissional resume-se a satisfazer julgamentos fixos e impostos a partir de fora”(BALL, 2005, p. 542). Ou seja, não se pensa, acumulam-se informações e se esquecem do social. Esta performatividade adentra os espaços de produçao de conhecimento, instalada sobre a lógica da universidade operacional que Chauí (1999), explica como:

Regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias de programa de eficácia organizacional. [...] E portanto pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. Em suma, se por pesquisa entendemos a investigação de algo que nos lança na interrogaçao, que nos pede reflexao crítica, enfrentamos com o instituído, descoberta, invençao e criaçao. Se por pesquisa entendemos o trabalho do pensamento e da linguagem para pensar e dizer o que não foi ainda pensado nem dito. Se por pesquisa entendemos uma

visão compreensiva de totalidades e sínteses abertas que suscitam a interrogação e a busca. Se por pesquisa entendemos uma ação civilizatória contra a barbárie social e política, então é evidente que não há pesquisa na **Universidade Operacional**. (CHAUI, 1999, **grifo nosso**)

Portanto, a universidade que deveria focar nas respostas para soluções e reflexões da sociedade adentra em outros objetivos. A operacional substitui o social, em sua lógica gerencialista e de performatividade ela forma Funes, *los Funes* na educação.

CONCLUSÕES

Borges é um literato fantástico da realidade. Uma realidade de outro contexto, mas que no nosso consegue desenhar toda a desumanidade da performatividade. Borges preconizou (quem sabe proposital) o homem que acumula milhões de informações, mas não consegue pensar sobre elas. Alguma semelhança com a realidade da pesquisa?

A performatividade é uma cultura, que cobra um alto preço, porque o pesquisador adentra na competitividade da produção em massa. Os problemas sociais, as desigualdades aumentam de forma exponencial, junto com os relatórios técnicos e gerencias. É esse movimento que a sociedade precisa hoje? É importante lembrar que este não é um trabalho de generalizações, mas de reflexão e preocupação diante a realidade em percurso, afinal, para que transição, para onde?

Então, as considerações finais sobre este trabalho é uma pergunta de pesquisador para pesquisador, como tentar fugir dessa lógica? Como sobreviver nela? Qual o papel do pesquisador no contexto capitalista em suas faces mais neoliberais reinante? Então que fiquem as considerações finais, como perguntas iniciais, afinal são vivencia-se a sociedade dos Funes, na educação.

REFERÊNCIAS

BALL, S. Profissionalismo, Gerencialismo e Performatividade. **Caderno de pesquisa**, v.35, n. 126, p. 539-564, set/dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742005000300002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 de set de 2017.

_____. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 37-55, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://goo.gl/onKsRL> Acesso em: 04 de mai de 2017.

BORGES, J.L. **Ficções**. Trad. Davi Arriguci Jr. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

CHAUÍ, M. **A universidade operacional**. Folha de São Paulo (Caderno Mais). Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_1_3.htm. Acesso em: 08 de set de 2017.

GAULEJAC, V de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ideias&Letras, 2007.

JAPIASSU, H. **A crise das ciências humanas**. São Paulo, Cortez, 2012